

Carlos Ruiz
Zafón

O PRISIONEIRO
DO CÉU

TRADUÇÃO
Eliana Aguiar



Copyright © Shadow Factory S.L. 2011

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

El Prisionero del Cielo

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

F. Català-Roca. *Via Laietana*. Barcelona, c. 1949 © Photographic Archive F. Català-Roca – Arxiu Històric del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

Preparação

Isis Pinto

Revisão

Luciane Gomide

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zafón, Carlos Ruiz

O prisioneiro do céu / Carlos Ruiz Zafón ;
tradução Eliana Aguiar. – 1ª ed. – Rio de Janeiro :
Suma de Letras, 2017.

Título original: El Prisionero del Cielo.

ISBN 978-85-5651-039-6

1. Ficção espanhola I. Título.

17-04334

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura espanhola 863

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR



O CEMITÉRIO DOS LIVROS ESQUECIDOS

Este livro faz parte de um ciclo de romances que se entrecruzam no universo literário do Cemitério dos Livros Esquecidos. Os romances que formam esse ciclo estão interligados por personagens e linhas argumentativas que constroem pontes narrativas e temáticas, embora cada um deles ofereça uma história fechada, independente e contida em si mesma.

As diversas partes da série do Cemitério dos Livros Esquecidos podem ser lidas em qualquer ordem ou separadamente, permitindo ao leitor explorar e entrar no labirinto de histórias através de diferentes portas e caminhos que, entrelaçados, o conduzirão ao coração da narrativa.

*Sempre soube que um dia voltaria a estas ruas para contar a história
do homem que perdeu a alma e o nome entre as sombras de uma
Barcelona submersa no sono medroso de um tempo de cinzas e silêncio.
São páginas escritas com fogo sob a proteção da cidade dos malditos,
palavras gravadas na memória daquele que retornou de entre os mortos
com uma promessa cravada no coração e pagando o preço de uma maldição.
A cortina se abre, o público silencia e, antes de a sombra que espreita
seu destino descer sobre o palco, um elenco de espíritos brancos
entra em cena com o texto de uma comédia nos lábios e aquela
bendita inocência de quem, pensando que o terceiro ato é o último,
começa a narrar um conto de Natal sem saber que,
ao virar a última página, a tinta de sua alma o arrastará,
lenta e inexoravelmente, ao coração das trevas.*

JULIÁN CARAX, *O prisioneiro do céu*
(Editions de la Lumière, Paris, 1992)

PRIMEIRA PARTE
UM CONTO DE NATAL

Barcelona, dezembro de 1957

Naquele ano, o Natal deu para amanhecer todo dia vestido de chumbo e geada. Uma penumbra azulada tingia a cidade, e as pessoas andavam rápido cobertas da cabeça aos pés, com o hálito desenhando jatos de vapor no ar frio. Eram poucos os que paravam para admirar as vitrines de Sempere & Filhos e menos ainda os que se aventuravam a entrar e perguntar por aquele livro perdido, que esteve esperando por eles a vida inteira e cuja venda, poesia à parte, poderia contribuir para remediar as precárias finanças da livraria.

— Estou sentindo que hoje é o dia. Hoje a nossa sorte vai mudar — proclamei na animação do primeiro café do dia, puro otimismo em estado líquido.

Meu pai, que desde as oito da manhã estava lutando com os livros de contabilidade, fazendo malabarismo com lápis e borracha, levantou os olhos do balcão e observou o desfile de clientes escorregadios desaparecendo rua abaixo.

— Deus te ouça, Daniel, porque, do jeito que as coisas andam, se perdermos as vendas de Natal, não vamos ter como pagar nem a conta de luz de janeiro. Precisamos fazer alguma coisa.

— Fermín teve uma ideia ontem — sugeri. — Segundo ele, trata-se de um plano genial para salvar a livraria da falência iminente.

— Que o céu nos proteja.

Citei as palavras dele:

— *Quem sabe se eu fosse decorar a vitrine só de cueca, alguma mulher ávida de literatura e de emoções fortes não entrava para comprar? Dizem os entendidos que o futuro da literatura está nas mãos das mulheres, e Deus é testemunha de que está para nascer uma dona capaz de resistir ao charme rústico desse meu corpinho atraente* — repeti. Ouvi quando o lápis de meu pai caiu no chão e me virei.

— Palavras de Fermín — acrescentei.

Pensei que meu pai ia rir da ideia de Fermín, mas ao ver que ele não saía de seu silêncio, comecei a observá-lo de rabo de olho. Sempere pai não parecia estar achando graça nenhuma naquele disparate e ainda exibía uma expressão pensativa, como se considerasse a possibilidade de levar a sugestão a sério.

— Mas olhe só, não é que Fermín acertou na mosca? — disse baixinho.

Olhei para ele incrédulo. Talvez a seca comercial que nos assolava nas últimas semanas tivesse afetado o juízo de meu pai.

— Não vai me dizer que vai deixar Fermín passear de cueca pela livraria.

— Não, claro que não. É a vitrine. O que você disse me deu uma ideia... Talvez ainda dê tempo de salvar o Natal.

Vi quando meu pai desapareceu no fundo da loja e retornou vestido com seu uniforme oficial de inverno: casaco, echarpe e chapéu, os mesmos que eu conhecia desde pequeno. Minha mulher, Bea, não cansava de manifestar suas suspeitas de que meu pai não comprava roupas desde 1942 e todos os indícios diziam que tinha razão. Enquanto enfiava as luvas, meu pai sorria vagamente e seus olhos exibiam aquele brilho quase infantil que só os grandes projetos conseguiam provocar.

— É só um instantinho — anunciou. — Vou sair para tomar umas providências.

— Posso perguntar aonde vai?

Meu pai piscou um olho.

— É surpresa. Você vai ver.

Fui atrás dele até a porta e vi quando partiu em direção à Puerta del Ángel num passo firme, uma silhueta a mais na maré cinzenta de passantes navegando por mais um longo inverno de sombra e cinzas.

Aproveitando que estava sozinho, resolvi ligar o rádio para saborear uma boa música enquanto organizava do meu jeito as coleções das estantes. Meu pai achava que deixar o rádio ligado na livraria quando havia clientes não era de bom-tom e, se eu ligasse quando Fermín estava na loja, ele logo se metia a cantarolar seus próprios versos por cima de qualquer melodia — ou, pior ainda, a dançar uma coisa que ele chamava de “*ritmos sensuais do Caribe*” — e conseguia me tirar do sério em poucos minutos. Diante dessas dificuldades práticas, cheguei à conclusão de que deveria limitar o prazer da FM aos raros momentos em que não havia mais ninguém na loja além de mim e de várias dezenas de milhares de livros.

Naquela manhã, a Rádio Barcelona transmitia uma gravação clandestina feita por um colecionador durante um fantástico concerto do trompetista Louis Armstrong e de sua banda no Hotel Windsor Palace da avenida Diagonal, três Natais antes. No intervalo comercial, o locutor fazia questão de explicar que aquilo era jazz, pronunciando a palavra com forte sotaque e avisando que seu ousado ritmo sincopado podia não ser apropriado para o ouvinte nacional, criado na toada, no bolero e no iniciante movimento iê-iê-iê que dominava as paradas de sucesso do momento.

Fermín costumava dizer que, se dom Isaac Albéniz tivesse nascido negro, o jazz teria sido inventado em Camprodón, assim como as latas de biscoitos, e que, junto com aqueles sutiãs pontudos que sua adorada Kim Novak exibia em alguns dos filmes que víamos na sessão matinal do cinema Fémina, aquele som era uma das poucas grandes realizações da

humanidade naquela primeira metade do século xx. Melhor não discutir com ele. Deixei passar o resto da manhã entre a magia daquela música e o perfume dos livros, saboreando a serenidade e a satisfação que um trabalho simples mas bem-feito proporciona.

Fermín tinha pedido uma manhã livre para, segundo ele, finalizar os preparativos do casamento com Bernarda, previsto para o início de fevereiro. Da primeira vez que tocou no assunto, duas semanas atrás, todos dissemos que estava se precipitando e que com pressa não se chega a lugar algum. Meu pai tentou convencê-lo a adiar o enlace por pelo menos uns dois ou três meses, argumentando que casamentos deviam ocorrer no verão, com tempo bom, mas Fermín insistiu em manter a data alegando que ele, espécime curtido na áspera secura do clima serrano da Extremadura, transpirava demais quando chegava o calor, a seu ver semi-tropical, da costa mediterrânea e não ia querer celebrar seu matrimônio com manchas do tamanho de um prato nos sovacos.

Já estava começando a acreditar que havia alguma coisa estranha no ar para que Fermín Romero de Torres, estandarte vivo da resistência civil à Santa Madre Igreja, aos bancos e aos bons costumes daquela Espanha dos anos 1950, de missa e NO-DO, o noticiário do regime franquista, manifestasse toda aquela urgência em comparecer diante do altar. Em seu zelo pré-matrimonial, chegou ao extremo de fazer amizade com o novo padre da igreja de Santa Ana, dom Jacobo, um sacerdote burgalês de mente aberta e modos de boxeador aposentado, a quem transmitiu sua paixão desmedida pelo dominó. Fermín duelava com ele em partidas históricas no Bar Almirall, aos domingos depois da missa, e dom Jacobo ria gostosamente quando meu amigo perguntava, entre um copinho e outro de licor de Montserrat, se ele podia afirmar que as freiras tinham coxas e se sabia se eram tão firmes e mordiscáveis quanto ele suspeitava desde a adolescência.

— Ainda vai acabar excomungado — repreendia o padre. — Freiras não são para serem vistas e muito menos tocadas.

— Mas se o senhor padre é quase tão assanhado quanto eu — protestava Fermín. — Não fosse a batina...

Estava relembrando aquela conversa e cantarolando ao som do trompete do mestre Armstrong, quando ouvi o sino que ficava em cima da porta

da livraria tilintar suavemente e levantei os olhos esperando encontrar meu pai de volta de sua missão secreta ou Fermín pronto para assumir o turno da tarde.

— Bom dia — disse a voz, grave e alquebrada, vinda da soleira da porta.

Na contraluz da rua, a silhueta parecia um tronco açoitado pelo vento. O visitante usava um terno escuro de corte antiquado e formava uma figura sinistra, apoiada numa bengala. Deu um passo à frente, mancando visivelmente. A claridade da lâmpada que ficava no balcão revelou um rosto marcado pelo tempo. O visitante ficou me observando alguns instantes, avaliando-me sem nenhuma pressa. Seu olhar tinha algo de ave de rapina, paciente e calculista.

— É o sr. Sempere?

— Sou Daniel. O sr. Sempere é meu pai, mas não está no momento. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

O visitante ignorou minha pergunta e começou a passear pela livraria, examinando tudo, palmo a palmo, com um interesse que beirava a cobiça. O andar capenga fazia pensar que as lesões que ocultava sob aquelas roupas eram importantes.

— Lembranças da guerra — disse o estranho, como se tivesse lido meu pensamento.

Acompanhei sua inspeção da livraria com os olhos, adivinhando onde ele ia parar. Tal como tinha suposto, o estranho ancorou-se na frente da estante de ébano e cristal, relíquia da época da fundação da livraria em sua primeira encarnação, lá pelos idos de 1888, quando o tataravô Sempere, na época um jovem recém-chegado de suas andanças de aventureiro em terras do Caribe, pegou dinheiro emprestado para comprar uma antiga livraria e transformá-la em livraria. Aquela estante, glória da nossa loja, era onde guardávamos tradicionalmente os exemplares mais valiosos.

O visitante se aproximou dela o suficiente para que seu hálito desenhasse uma nuvem no vidro. Pegou um par de óculos e o ajustou no nariz para estudar o conteúdo da estante. Sua postura lembrava uma raposa num galinheiro, examinando os ovos recém-postos.

— Bela peça — murmurou. — Deve ter o seu valor.

— É uma antiguidade da família. De valor principalmente sentimental — devolvi, incomodado com as estimativas e avaliações daquele estranho cliente que parecia taxar com os olhos até o ar que respirávamos.

De repente, ele guardou os óculos e falou num tom pausado.

— Soube que trabalha aqui com vocês um cavalheiro de reconhecido talento.

Como não respondi imediatamente, ele se virou e me lançou um daqueles olhares que envelhecem quem os recebe.

— Como pode ver, estou sozinho. Quem sabe o cavalheiro não diz que título deseja, para que possa pegá-lo, com muito gosto.

O estranho esboçou um sorriso que parecia qualquer coisa menos amigável e concordou.

— Vejo que tem um volume de *O conde de Monte Cristo*, aqui mesmo nessa estante.

Não era o primeiro cliente que reparava naquela peça. Usei o discurso oficial que guardávamos para aquelas ocasiões.

— O cavalheiro tem muito bom olho. Trata-se de uma edição maravilhosa, numerada e com ilustrações de Arthur Rackam, proveniente da biblioteca pessoal de um grande colecionador de Madri. É uma peça única e catalogada.

O visitante ouviu com desinteresse, centrando sua atenção na consistência das prateleiras de ébano da estante e mostrando claramente que minhas palavras o entediavam.

— Pois para mim, todos os livros parecem iguais. Mas gostei do tom de azul da capa — respondeu em tom depreciativo. — Vou ficar com ele.

Em outras circunstâncias, estaria dando pulos de alegria por conseguir vender aquele que, provavelmente, era o livro mais caro de toda a livraria, mas havia alguma coisa na ideia de ver aquela edição nas mãos de semelhante criatura que me embrulhava o estômago. Algo me dizia que, se aquele volume abandonasse a livraria com o estranho, ninguém jamais leria nem o primeiro parágrafo.

— É uma edição caríssima. Se o cavalheiro quiser, posso lhe mostrar outras edições da mesma obra em perfeito estado e com preços mais acessíveis.

As pessoas de alma pequena sempre tentam diminuir os demais, e o estranho, que parecia capaz de esconder a sua na ponta de um alfinete, me dedicou seu melhor olhar de desprezo.

— E de capa igualmente azul — acrescentei.

Ele ignorou a impertinência da minha ironia.

— Não, obrigado. É esse que eu quero. O preço não me importa.

Concordei a contragosto e fui até a estante. Peguei a chave e abri a porta envidraçada. Podia sentir os olhos do estranho cravados em minhas costas.

— Tudo que é bom sempre está fechado à chave — comentou sorrateiramente.

Peguei o livro e suspirei.

— O senhor é um colecionador?

— Pode-se dizer que sim, mas não de livros.

Virei-me com o volume nas mãos.

— E o que coleciona, então?

Mais uma vez, o estranho ignorou a pergunta e estendeu a mão para receber o livro. Tive que resistir ao impulso de recolocar o livro na prateleira e passar a chave. Meu pai nunca me perdoaria se deixasse passar uma venda daquelas naqueles tempos difíceis.

— O preço é trinta e cinco pesetas — anunciei, antes de estender o livro, na esperança de que a cifra o fizesse mudar de ideia.

Ele concordou sem pestanejar e tirou uma nota de cem pesetas do bolso daquele terno que não devia valer nem dois tostões. Fiquei me perguntando se a nota não seria falsa.

— O senhor me desculpe, mas acho que não tenho troco para uma nota tão alta.

Queria pedir que esperasse um momentinho enquanto corria ao banco mais próximo para trocar as cem pesetas e verificar se a nota não era falsa, mas também não queria deixá-lo sozinho na livraria.

— Não se preocupe, é verdadeira. Sabe como se vê?

O estranho levantou a nota contra a luz.

— Examine a marca-d'água e essas linhas. A textura...

— O cavalheiro é um especialista em falsificações?

— Tudo é falso neste mundo, meu jovem. Tudo menos o dinheiro.
Colocou a nota na minha mão e fechou meu punho em torno dela, dando um tapinha nos dedos.

— Vou deixar o troco para a minha próxima visita — disse.

— É muito dinheiro, senhor. Sessenta e cinco pesetas...

— Tostões...

— Em todo caso, vou fazer um recibo.

— Confio em você.

O estranho examinou o livro com ar indiferente.

— Trata-se de um presente. Gostaria de pedir que vocês mesmos fizessem a entrega do livro. Pessoalmente.

Hesitei um segundo.

— Em princípio, não fazemos isso, mas nesse caso faremos a entrega em mãos, com muito prazer e sem nenhum custo. Posso perguntar se seria aqui mesmo na cidade de Barcelona ou...?

— Aqui mesmo — respondeu.

A frieza de seu olhar parecia manifestar anos de raiva e rancor.

— O cavalheiro deseja fazer uma dedicatória ou bilhete pessoal antes que eu embrulhe o livro?

Com dificuldade, o visitante abriu o livro na página do título. Foi quando percebi que sua mão esquerda era postiça, uma peça de porcelana pintada. Pegou uma caneta-tinteiro e escreveu algumas palavras. Devolveu o livro e deu meia-volta. Fiquei observando enquanto ele mancava até a saída.

— Poderia fazer a gentileza de me dar o nome e o endereço para que façamos a entrega? — perguntei.

— Está tudo aí — disse ele, sem virar os olhos para mim. Abri o livro e procurei a página com a inscrição que o estranho deixou, de próprio punho:

*Para Fermín Romero de Torres, que retornou
de entre os mortos e tem a chave do futuro.*
13

Foi então que ouvi o sino da entrada e, quando olhei, o estranho já tinha desaparecido.

Corri até a porta e fiquei olhando a rua. O visitante se afastava mancando, misturado às silhuetas que atravessavam o véu de névoa azul que varria a rua Santa Ana. Ia chamá-lo, mas mordi a língua. Seria mais fácil deixá-lo ir sem explicações, mas o instinto e minha tradicional falta de prudência e senso prático levaram a melhor.

Pendurei o cartaz de “fechado” na porta e passei a chave, disposto a seguir o estranho no meio da multidão. Sabia que, se meu pai voltasse e descobrisse — justo na primeira vez em que me deixava sozinho e ainda por cima no meio daquela seca de vendas — que havia abandonado meu posto, eu ia escutar um sermão daqueles. Tudo bem, inventaria alguma desculpa no caminho. Preferia enfrentar o gênio tranquilo de meu pai a ter de engolir o desassossego que aquele sinistro personagem tinha deixado em meu corpo e ficar sem saber direito qual era a natureza de sua relação com Fermín.

Um livreiro profissional tem poucas ocasiões de aprender na prática a refinada arte de seguir um suspeito sem ser descoberto. A menos que boa parte de seus clientes se inscreva no rol dos caloteiros, a maioria dessas oportunidades vem do catálogo de livros policiais e romances baratos à venda em suas estantes. O hábito não faz o monge... mas o crime, ou a simples suspeita, faz o detetive, especialmente o amador.

Enquanto seguia o estranho em direção às Ramblas, fui relembrando as noções básicas, começando por deixar uns bons cinquenta metros entre nós dois, tentar me esconder atrás de alguém mais corpulento e ter sempre em mente um esconderijo rápido numa portaria ou numa loja, caso o objeto de meu interesse parasse e olhasse para trás sem aviso prévio. Ao chegar às Ramblas, o estranho cruzou o passeio central e tomou o caminho do porto. O passeio estava adornado com os tradicionais enfeites de Natal e mais de uma loja tinha decorado suas vitrines com luzes, estrelas e anjos anunciando uma felicidade que, se deu até no rádio, devia ser real.

Naquela época, o Natal ainda conservava certo ar de magia e mistério. A luz em flocos do inverno, o olhar e os anseios de pessoas que levavam a vida entre sombras e silêncio davam à decoração um leve perfume de verdade, no qual pelo menos as crianças e os que tinham aprendido a esquecer ainda podiam acreditar.

Talvez isso tornasse ainda mais evidente o fato de que, em todo esse clima de sonho, nenhum personagem era menos natalino e fora de tom do que o estranho que eu estava seguindo. Mancava lentamente e parava com frequência em algumas das lojinhas de pássaros e de flores, admirando periquitos e rosas como se nunca os tivesse visto antes. Por duas vezes, aproximou-se das bancas de jornal que pontilhavam as Ramblas e ficou contemplando as capas dos jornais e revistas e girando os mostruários de cartões-postais. Parecia que nunca tinha estado lá antes e se comportava como uma criança ou um turista que passeasse pela primeira vez nas Ramblas. Porém, as crianças e os turistas costumam exibir a inocência passageira de quem não sabe onde pisa, e aquele sujeito não teria um ar inocente nem por obra e graça do Menino Jesus, diante de cuja imagem ele atravessou, na altura da igreja de Belém.

Parou num local de venda de animais que ficava bem em frente à rua Puertaferri, aparentemente atraído por uma gaiola com uma cacatua de plumagem rosa-pálido, que olhava para ele de canto de olho. O estranho se aproximou da gaiola, como tinha feito com a estante da livraria, e começou a murmurar umas palavras. O pássaro, um exemplar cabeçudo e com uma envergadura de galocapão vestido com plumagens de luxo, sobreviveu ao hálito de enxofre do estranho e ficou atento e concentrado, claramente interessado naquilo que o visitante estava recitando. Confirmando esse interesse, a cacatua concordava várias vezes com a cabeça e eriçava sua crista de plumas rosa, visivelmente animada.

Passados alguns minutos, satisfeito com aquele intercâmbio avícola, o estranho seguiu seu caminho. Não tinham transcorrido nem trinta segundos quando, ao passar diante do local, notei certo corre-corre e vi que um dos vendedores, atarantado, tentava cobrir a tal gaiola com um capuz de pano. E a cacatua repetia com dicção perfeita o seguinte versinho: *Franco, atocha, teu pinto ficou brocha*, que eu sabia muito bem com quem ela tinha aprendido. Pelo menos o estranho mostrava certo senso de

humor, além de convicções de alto risco, coisas que naquela época eram tão raras quanto as saias acima dos joelhos.

Distraído pelo incidente, pensei que tinha perdido o sujeito de vista, mas não demorei a localizar sua figura encasacada na frente da vitrine da joalheria Baguès. Avancei disfarçadamente até uma das pequenas bancas de escreventes que ladeavam a portaria do edifício Palacio de la Virreina, onde pude observar o estranho com atenção. Seus olhos brilhavam como rubis e o espetáculo de ouro e pedras preciosas por trás da vitrine à prova de balas parecia ter despertado nele uma luxúria que nem a fila de coristas do La Criolla em seus anos de glória conseguiria provocar.

— Vai uma carta de amor, meu jovem, um documento, um pedido à autoridade de sua escolha, uma espontânea venho-por-meio-desta para os parentes do interior?

O escrevente estabelecido na casinhola atrás da qual eu estava escondido tinha se debruçado em seu balcão como se fosse um sacerdote confessor e olhava para mim ansioso para alugar seus serviços. O cartaz sobre a janelinha dizia:

Oswaldo Darío de Mortenssen

Literato e pensador.

Escrevem-se cartas de amor, petições,
testamentos, poemas, convites, felicitações, pedidos,
anúncios fúnebres, hinos, monografias, súplicas, documentos
e composições variadas em todos os estilos e métricas.

Dez centimos a frase (rimas extras).

Preços especiais para viúvas, mutilados e menores de idade.

— E então, rapaz? Uma carta de amor dessas que fazem as mocinhas em idade de merecê-las molharem as anáguas com os sinais do desejo? Faço um preço especial para você.

Mostrei a aliança de casado. O escrevente Oswaldo deu de ombros, impávido.

— Vivemos em tempos modernos — argumentou. — Se você soubesse a quantidade de casados e casadas que passam por aqui...

Reli o cartaz, que tinha um ar familiar que não conseguia identificar.

— Seu nome me soa familiar...

— Já tive tempos melhores. Talvez me recorde dessa época.

— É seu nome de verdade?

— *Nom de plumme*. Um artista precisa de um nome à altura de sua obra. Minha certidão de nascimento diz Jenaro Rebollo: com um nome desses, quem iria me encomendar uma carta de amor? O que me diz da oferta do dia? Que tal uma carta de paixão e desejo?

— Em outra ocasião.

O escrevente concordou, resignado. Seguiu o fio do meu olhar e franziu as sobrancelhas, intrigado.

— Espiando o coxo, não é? — soltou.

— Sabe quem é, por acaso? — perguntei.

— Já tem uma semana que o vejo passar por aqui todos os dias e parar bem aí, na frente da vitrine da joalheria, olhando abobalhado, como se em vez de anéis e colares estivesse vendo o traseiro da Bella Dorita — explicou.

— Falou com ele alguma vez?

— Outro dia um dos meus colegas passou uma carta a limpo para ele, porque tem alguns dedos a menos...

— Qual colega? — perguntei.

O escrevente olhou para mim em dúvida, temendo perder um possível cliente se respondesse.

— Luisito, ali do outro lado, junto da Casa Beethoven. Aquele com cara de seminarista.

Ofereci umas moedas em agradecimento, mas ele se negou a aceitá-las.

— Ganho a vida usando a pluma, não abrindo o bico. Isso é coisa que já temos demais por aqui. Se algum dia tiver alguma necessidade de tipo gramatical, aqui estarei.

Entregou um cartão que reproduzia o anúncio do cartaz.

— De segunda a sábado, das oito às oito — especificou. — Oswald, soldado da palavra, para servir ao senhor e à causa epistolar.

Guardei o cartão e agradei pela ajuda.

— Seu pássaro está batendo asas — avisou ele.

Virei-me e vi que o estranho retomara o caminho. Corri atrás, seguindo-o Rambla abaixo até a entrada do mercado de La Boquería, onde ele parou para contemplar o espetáculo de tendas e pessoas que entravam e saíam carregando e descarregando iguarias e alimentos de primeira. Vi quando mancou em direção ao balcão do Bar Pinocho e subiu num dos tamboretes, com dificuldade, mas animado. Durante meia hora, o estranho tentou dar conta das delícias que o caçula da casa, Juanito, ia servindo, mas tive a impressão de que sua saúde não permitia grandes extravagâncias e que afinal comia mais com os olhos do que com a boca, como se o fato de pedir petiscos e pratinhos em que mal podia provar servisse antes para recordar os tempos em que o apetite era maior. O paladar não saboreia mais, apenas recorda. Por fim, conformado com sua abstinência gastronômica e com o gozo substituto de ver os outros degustarem e lambere-rem os beiços, o estranho pagou a conta e continuou seu périplo até a entrada da rua San Pablo, onde, por obra da geometria única das ruas de Barcelona, reuniam-se um dos grandes teatros de ópera da velha Europa e uma das algazarras mais barulhentas e intensas do hemisfério norte.